

DISPOSITIVOS LITERÁRIOS PARA O FILOSOFAR: UMA PROPOSTA DE EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL

LITERARY DEVICES FOR PHILOSOPHIZING: A PROPOSAL FOR INTELLECTUAL EMANCIPATION

Heliandro Henrique da Silva¹
Flávio de Carvalho²

Resumo:

Este artigo investiga a articulação entre Filosofia e Arte como ferramentas para a emancipação intelectual, com foco no uso da literatura no ensino de filosofia. A partir de um referencial que inclui Gallo, Deleuze, Rancière e Freire, argumenta-se que a literatura, ao sensibilizar e problematizar, funciona como um dispositivo filosófico privilegiado. Análises de obras de Lobato e Machado de Assis, sob as perspectivas de Nietzsche e Sartre, ilustram como a narrativa literária tensiona conceitos filosóficos e fomenta o filosofar. Por fim, situa-se a discussão no contexto educacional brasileiro e no papel do PROF-FILO para uma formação crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Filosofia; Arte e literatura

Abstract:

This article investigates the articulation between Philosophy and Art as tools for intellectual emancipation, focusing on the use of literature in the teaching of philosophy. Based on a theoretical framework that includes Gallo, Deleuze, Rancière, and Freire, it argues that literature, by sensitizing and problematizing, functions as a privileged philosophical device. Analyses of works by Lobato and Machado de Assis, from the perspectives of Nietzsche and Sartre, illustrate how literary narrative tensions philosophical concepts and fosters philosophizing. Finally, the discussion is situated within the Brazilian educational context and the role of PROF-FILO (Professional Master's Degree in Philosophy) in promoting critical and emancipatory education.

Keywords: Philosophy; Art and literature

¹ Mestrando em Filosofia (PROF-FILO/UFCG). Atualmente é Professor da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba. Email: heliandrosofia@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8666034590661804>

² Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande e do PPG PROF-FILO. Campina Grande – PB – Brasil. Email: flavio.carvalho@ufcg.edu.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1219291457473728>

Filosofia e arte: sensibilização e questionamentos

Para o nosso propósito, cabe-nos destacar as características que aproximam a Filosofia e a Arte, bem como a forma pela qual ambas podem convergir para a emancipação. A Arte sensibiliza, provoca e coloca o sujeito em contato com o inesperado, o diverso e o complexo. A Filosofia, por sua vez, conceitualiza e problematiza, oferecendo ferramentas para compreender e transformar essa experiência em pensamento crítico.

A partir disso, coloca-se a questão: de que forma a interseção entre literatura e filosofia pode contribuir para a construção de um sujeito emancipado?

O contato com a Arte implica uma saída do senso comum --- uma suspensão semelhante à que a Filosofia propicia --- o que gera uma abertura para questionamentos antes não formulados. Diante dessa experiência, instaura-se uma ruptura e, conseqüentemente, uma mudança de olhar. É nesse movimento que podemos identificar pontos de alinhamento entre ambos os campos do conhecimento: a Arte e a Filosofia.

A experiência estética nos coloca diante de um sistema de signos que nos força a pensar. O sentido da obra de arte não é dado, ele deve ser criado na relação com ela. É essa violência do signo que nos tira de nossa estupidez natural e nos lança à busca de sentidos (Gallo, 2019, p. 84).

Primordialmente dois pontos podemos destacar nesta citação. Segundo Gallo (2019), a experiência estética nos força a pensar e nos lança em busca de sentido, o que é extremamente valioso e convergente para com a filosofia. Há uma primeira quebra, um "espanto" ou "admiração" que, diante das interrogações ou problematização que se seguirão, nos desperta a encontrar outras respostas ou uma reformulação do que até então não havia sido pensado. E o repensar é próprio da Filosofia. Ainda baseados em Gallo (2019):

O ato de filosofar tem seu início no espanto (o *thaumazein* dos gregos). Algo nos tira de nossa condição de meramente viventes e nos lança para além de nós mesmos, nos obriga a pensar. O espanto nos tira da condição de meros viventes e nos lança para além de nós mesmos, nos obriga a pensar. É essa abertura ao pensamento que caracteriza o filosofar (Gallo, 2019, p. 24).

De igual modo, Deleuze nos esclarece quanto a essa conectividade entre a Filosofia e a Arte, e podemos observar esse entrecruzar da Filosofia com outras formas de conhecimento.

A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. [...] Os conceitos precisam ter um devir que lhes seja próprio, mas que tenha também um devir da filosofia que se entrecruza com o devir da ciência ou o devir da arte. [...] A filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos (Deleuze; Guattari, 1992, p. 11-12).

Dessa forma, segundo Deleuze e Guattari (1992), há em ambos os conhecimentos apresentados um lançar para além de nós mesmos e uma abertura para novas formas de questionar. Portanto, tanto a experiência estética quanto o ato de filosofar forçam a pensar e, mais importante, obrigam a pensar. Ambos

exigem um engajamento ativo do sujeito, recusando a passividade e promovendo uma transformação interior.

Sob os argumentos apresentados acima, podemos perceber que tanto a arte quanto a filosofia visam à emancipação do sujeito. A arte sensibiliza e provoca a ruptura necessária para que o sujeito transcenda sua condição inicial, enquanto a filosofia instrumentaliza essa ruptura com ferramentas críticas, permitindo que o sujeito reconstrua seu entendimento de forma autônoma.

Partindo de uma compreensão da Filosofia que pressupõe o paradigma do sujeito pensante e suas representações, refletimos sobre como essa concepção impacta nossa visão de educação. Isso nos conduz inevitavelmente à questão: quais abordagens filosóficas ou formas de iniciação à Filosofia podem ser coerentes com tal paradigma?

A lição emancipadora do artista, oposto termo a termo à lição embrutecedora do professor, é a de que cada um de nós é artista, na medida em que adota dois procedimentos: não se contentar em ser homem de um ofício, mas pretender fazer de todo trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo. O artista tem necessidade da igualdade, tanto quanto o explicador tem necessidade da desigualdade (Rancière, 2019, p. 79).

Há uma premissa que podemos apontar quando pensamos em Emancipação em Rancière (2019): a de que devemos rever nossa concepção do que é ensinar e, por consequência, nossa arte de filosofar. Há um partilhar e, nessa partilha, a busca por uma igualdade; dessa postura, saímos de uma visão verticalizada. E assim temos um processo de Emancipação.

Assim como também:

"A arte e a filosofia são instrumentos fundamentais na construção do sujeito crítico, pois permitem a decodificação do mundo e a ressignificação da existência, transformando a educação em um ato de libertação" (Freire, 2019, p. 109).

A utilização da arte provoca uma ressignificação, reelaboração, sem formas prontas ou instituídas, mas criando um processo de filosofar contínuo e, por que não dizer, errante.

A literatura e as artes cultivam em nós uma habilidade crucial para a vida cívica: a que chamo de 'imaginação narrativa'. Esta é a capacidade de pensar como seria estar no lugar de outra pessoa, de compreender as suas emoções, desejos e buscas... A filosofia, sem o complemento das artes, arrisca-se a tornar-se abstrata e distante da complexidade da vida humana (Nussbaum, 2015, p. 103-104).

Portanto, a imaginação narrativa promovida pela literatura e artes contribui para a formação integral do sujeito (que inclui as dimensões ética, estética, política e não só a cognitiva), pois, como apontaremos em seguida, os personagens nos levam a "estar no lugar de outra pessoa..." e a compreender suas buscas (Nussbaum, 2015).

Dessa forma, se estamos pensando os sujeitos de maneira integral, podemos rever nossa forma de apenas enxergá-lo de maneira a ser atingido apenas por questões racionais ou tecnicistas, mas também ser afetado pela arte e assim fazê-lo ascender em conhecimento. E, quando falamos em ascender em conhecimento, falamos em transcender ao estabelecido e ser afetado em um ponto de transformação que a arte pode propiciar.

Segundo Nietzsche (1996, p.12), em *O Nascimento da Tragédia*, a arte "[...] é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida". Podemos, dessa forma, pensar uma educação dos sujeitos que não se apoia apenas em experimentos ou na observação, mas num processo de estímulo, ascensão através de sensações ou emoções, produzindo um conhecimento através da Arte. Logo, encontramos um ponto de convergência entre a Filosofia e as Artes no processo de Educação Integral.

O homem possui uma dimensão fundamental que o compõe, anterior à razão e à técnica. A Arte resgata essa essência originária, integrando (sem negar) o racional e resistindo ao tecnicismo que lhe é externamente imposto.

A literatura como dispositivo filosófico

Nesta mudança de pensar os sujeitos e o paradigma de Ensino de Filosofia, podemos destacar a arte, especificamente a literatura, no processo de recorte interpretativo para o exercício do filosofar. A literatura surge como um dispositivo privilegiado para o exercício filosófico. Ela opera (no sentido deleuziano) num espaço onde conceitos são desestabilizados e reconstruídos.

A arte literária, com suas narrativas, personagens e ambiguidades, provoca rupturas no pensamento estabelecido, abrindo caminho para novas problematizações. Como afirmam Deleuze e Guattari (1992), a filosofia deve criar conceitos, e a literatura, por sua natureza disruptiva, é um meio potente para essa criação.

De acordo com Deleuze e Guattari (1992), em *O que é a filosofia?* eles defendem que a filosofia não se reduz à história das ideias, mas é uma prática de invenção.

A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. [...] O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. [...] A filosofia não é uma simples arte de formar, inventar ou fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. Inicialmente, a filosofia é criação de conceitos (Deleuze; Guattari, 1992, p. 11).

A literatura, por sua vez, não é apenas um objeto de análise, mas um território de experimentação onde o pensamento se desdobra em linhas de fuga. Ao ler um romance, um poema ou uma peça teatral, o estudante não apenas interpreta, mas é afetado pela obra, o que gera novas formas de pensar.

Desta forma, fizemos uma análise literária do perfil psicológico de Emília (personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo) na obra "A Chave do Tamanho", de Monteiro Lobato (1942), sob uma perspectiva nietzschiana, e observamos como as posturas dessa personagem, com seus ininterruptos questionamentos, retratam muito bem um dos perfis que Nietzsche discute: o Camelo, o Leão e a Criança, no livro *Assim Falou Zaratustra* (Nietzsche, 2011), colocando neste último uma superação dos anteriores. E assim há nessa personagem uma afirmação da vida, um eterno reinventar, evitando os fardos e revoltas que os anteriores carregam. Na representação da personagem, encontramos pontos importantes para uma discussão de conceitos como valores e transvaloração dos valores, presentes na obra de Nietzsche (2011). Nessa perspectiva, a literatura traz às questões filosóficas um tensionamento, deslocamento e uma reinvenção.

Ainda sobre esta relação de Filosofia e Literatura, analisamos o conto "O Espelho", de Machado de Assis (1882), onde o drama vivido pelo personagem

principal com sua construção social da identidade, a dependência do indivíduo em relação ao reconhecimento alheio, a vaidade e a ilusão dos títulos sociais revelam um homem que literalmente definha quando perde o reflexo social de sua posição, e só se recupera ao receber um olhar humano essencial.

Desta forma, podemos perceber na obra toda uma consonância com os conceitos de Sartre (1997): o Ser-para-si (consciência de si, sem identidade definida; liberdade e autenticidade) e a má-fé (renunciar à própria liberdade e assumir um papel pronto na sociedade), que são temas essenciais na filosofia de Sartre.

Um personagem, desta forma, não serve apenas para discutir o existencialismo, mas para colocar em pauta noções de identidade, normalidade e exclusão. A literatura, assim, funciona como um dispositivo de discussão filosófica.

Dos personagens citados acima, podemos nos remeter aos personagens conceituais propostos por Deleuze (1992). São entidades fundamentais no processo de criação filosófica. Eles não são personagens psicológicos, históricos ou literários, mas, sim, figuras pensantes que habitam e animam o plano de imanência (o "campo" pré-filosófico onde os conceitos surgem). Esclarecendo:

Os personagens conceituais são os 'heterônimos' do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia, que vale para o filósofo, de modo que o filósofo, devendo tornar-se seu personagem conceitual, é também o 'outro' de todos os outros personagens conceituais que são os de outros filósofos ou os de uma mesma filosofia (sobredeterminação dos personagens)...O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o inverso: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os pensadores, os únicos pensadores, e o filósofo é sua sombra, seu devir e seu interlocutor (Deleuze; Guattari, 1992, p. 86-87).

Portanto, os personagens apresentados por Lobato (1942) e Machado de Assis (1882), Emília e o personagem do espelho, não são apenas exemplos a serem dados, mas tornam-se personagens conceituais que habitam o plano de imanência da obra e que nos forçam, leitores, a seguir o rumo de pensamento e questionamentos que eles trazem, seja em torno da sociedade (transvalorizando seus valores) ou trazendo questões existenciais como liberdade, crises, identidade e construção de si mesmo.

A literatura frequentemente explora a condição humana em sua complexidade, promovendo questionamentos existenciais, éticos e sociais. Dessa forma, pode funcionar como um catalisador do pensamento filosófico. Personagens e narrativas literárias muitas vezes apresentam atitudes críticas e questionadoras que favorecem a reflexão filosófica.

A arte (aqui delimitada na literatura), dessa forma analisada sob esse prisma, tem justamente essa premissa: qual seja, a de cumprir com esse processo de busca. Como buscadores que todo filósofo é, a arte pode nos propiciar essas interpretações do mundo, saídas que nos levam a mergulhar no mais profundo.

Conforme Gallo e Aspis (2009, p.56), "é essencial utilizar recursos imagéticos e textuais próximos ao universo dos alunos, a fim de aproximar a filosofia de suas realidades".

Assim, temas como o existencialismo, a filosofia da religião, a bioética, a lógica e a história da filosofia podem ser abordados a partir de textos literários. Através de meios diferentes, a literatura e a filosofia buscam traduzir a mesma experiência do real. A partir dessa experiência-literária-filosófica (termo nosso), nossos estudantes são estimulados a identificar e problematizar questões fundamentais que emergem da narrativa -- por exemplo, liberdade, identidade, escolha e determinismo. Este é um momento crucial de abertura e sensibilização, onde o professor atua como mediador, facilitando o diálogo, acolhendo as percepções dos estudantes e promovendo uma construção coletiva de sentido (protagonismo discente).

Só então, após essa problematização ancorada na experiência-literária-filosófica concreta, introduz-se o confronto com um texto filosófico pertinente, como a reflexão de Sartre (1997) sobre o Ser-em-si. Essa sequência estratégica -- do literário (experiência/questão) ao filosófico (conceito/criação) -- permite que o conceito filosófico seja percebido como uma ferramenta para aprofundar as inquietações já despertadas pela literatura, tornando a filosofia mais relevante e acessível.

Comparada a outros recursos didáticos como o cinema, a música ou os quadrinhos, a literatura apresenta uma especificidade: sua densidade textual e reflexiva, que exige e desenvolve a interpretação, o raciocínio lógico e o exercício crítico.

Dessa forma, resumidamente, podemos fazer uma comparação: a escolha da linguagem artística para filosofar define o caminho da reflexão. Literatura e Cinema são ideais para dilemas morais, narrativas existenciais e crítica social. Pintura desafia a percepção e questiona a representação. Música acessa dimensões pré-racionais e afetivas da existência.

Podemos enxergar outras artes como propiciadoras de uma experiência filosófica: "O cinema, enquanto expressão artística, permite problematizar conceitos filosóficos de forma concreta, criando pontes entre a abstração do pensamento e a experiência sensível" (Gallo, 2019).

Ainda segundo Gallo (2019), ele entende a filosofia não como um corpo de conhecimentos, mas como uma atitude crítica e questionadora perante o mundo. O objetivo é formar sujeitos autônomos, capazes de pensar por si mesmos, questionar normas e estruturas de poder, e agir eticamente.

Nessa perspectiva:

Finalizando nosso livro, trazemos uma experiência do pensamento filosófico na forma de HQ com o título Mara na filosofia. A intrigante e sorradeira conversa entre corujas, que tratam de refletir sobre a Filosofia e seu ensino, nos é apresentada por Daniel Oliveira com toques de sensibilidade e ironia, sob uma pluralidade de possibilidades de apropriação e aproximação com as falas do gibi. O texto-imagem com que o autor nos presenteia é um convite à experimentação e se apresenta no interior da obra como uma provocação de seus organizadores. Uma provocação filosófica que quer convidar o leitor e a leitora a participar deste processo filosofante e criativo desde suas próprias intuições e pensamentos (Rodrigues; Carvalho, 2023, p. 12).

Os organizadores enfatizam que a linguagem artística (neste caso, a HQ) é um recurso válido e equânime para a construção do pensamento filosófico, ao lado do texto escrito. Essa abordagem é apresentada como uma experiência de texto imagético que estimula a participação criativa dos leitores.

Como nosso objetivo é justamente analisar o papel da Filosofia diante da BNCC (BRASIL, 2018) e trazer a questão moral, ética, política e reflexiva, ela entra em harmonia com nossa proposta de usar a literatura, pois, repetindo: Literatura e Cinema são ideais para dilemas morais, narrativas existenciais e crítica social.

A utilização da literatura pode favorecer a transposição didática de conteúdos filosóficos na abordagem de temas específicos, seja na articulação com a história da filosofia. A linguagem literária, por sua riqueza simbólica e sensível, possibilita que o estudante se aproxime da linguagem filosófica de maneira mais acessível e envolvente.

Diante da necessidade de repensar o sujeito e o paradigma do Ensino de Filosofia, a literatura se consolida como um dispositivo potente para a "Iniciação ao Filosofar". Sua eficácia reside na capacidade de desestabilizar verdades, provocar rupturas e abrir caminhos para problematizações, criando o terreno fértil para o filosofar genuíno.

Análises concretas, como as realizadas sob perspectivas nietzschianas e sartreanas, demonstram como as narrativas literárias encarnam e tensionam conceitos filosóficos complexos (transvaloração, Ser-para-si, liberdade, má-fé), transformando abstrações em vivências que convocam à reflexão crítica. Mais do que ilustrar teorias, a literatura as reinventa, abordando questões fundamentais da condição humana de forma visceral.

Portanto, ao operar a literatura, confirma-se como um dos dispositivos fundamentais para superar modelos estanques. Ela não apenas aproxima a filosofia da vida, mas constitui-se como um *ato filosófico* em si -- um convite à interpretação, ao mergulho no humano. Assim, consolida-se como pilar essencial para um novo paradigma educativo, formando sujeitos críticos e capazes de filosofar.

Implicações para o ensino de filosofia e o papel do PROF-FILO

Podemos aqui destacar o papel do PROF-FILO com seus projetos, formando pesquisadores que podem questionar e refletir sobre estruturas atuais da BNCC (competências, habilidades, itinerários formativos) para garantir que a Filosofia mantenha seu caráter crítico e emancipatório e não seja meramente instrumentalizada ou diluída.

Tendo, pois, uma aplicação prática da Filosofia que visa aplicar e ampliar o conhecimento filosófico em contextos práticos, como: educação básica, formação crítica de professores e elaboração de materiais didáticos e produção de conteúdos (crítica cultural, análise de discurso, ética na mídia). Nossa perspectiva aqui é articular o saber filosófico com demandas sociais concretas, tornando a filosofia mais acessível.

Desta forma:

A criação do programa de pós-graduação em rede, o mestrado profissional PROF-FILO, no ano de 2016, veio assomar-se ao movimento que estamos descrevendo, mobilizando profissionais em todo o território nacional, desenvolvendo pesquisas em nível de pós-graduação, construindo um perfil epistêmico filosófico da pesquisadora e do pesquisador em ensino de Filosofia a partir do território epistemológico estrito da Filosofia (Carvalho, 2024, p. 8).

O Mestrado Profissional em Filosofia, onde encontramos pesquisadores que desenvolvem estudos vinculados ao território epistemológico estrito da Filosofia e enfatizam a dimensão filosófica (não apenas pedagógica) da pesquisa em Ensino de

Filosofia, buscando demarcar sua autonomia como campo do conhecimento, nos trouxe o Norte (epistemológico e dimensão filosófica) para refletirmos sobre a Formação Integral e os Dispositivos de Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Além disso, o PROF-FILO tem se mostrado fundamental na construção de uma rede colaborativa que fortalece o diálogo entre teoria e prática, incentivando a produção de conhecimento filosófico engajado com os desafios educacionais contemporâneos. Ao fomentar pesquisas que não apenas analisam, mas também intervêm nas estruturas educacionais, o programa contribui para a consolidação de uma Filosofia que, longe de ser reduzida a um conjunto de técnicas ou conteúdos estanques, se afirma como uma ferramenta transformadora.

Essa abordagem permite que os egressos atuem como agentes de mudança, promovendo uma educação filosófica que dialogue com as demandas sociais, culturais e políticas do século XXI. Dessa maneira, o PROF-FILO não apenas preserva, mas revitaliza o caráter crítico e emancipatório da Filosofia, garantindo sua relevância tanto no âmbito acadêmico quanto no espaço público e escolar.

Considerações finais

A formação integral preconizada pela BNCC permanece distante da realidade das juventudes enquanto persistir uma visão instrumental da educação, que reduz os estudantes a "futuros adultos" e receptores passivos de conhecimento. Assim, a formação que advém pelo PROF-FILO é um mediador que cria as condições para que essa experiência aconteça, transformando a sala de aula em um espaço de criação conceitual e resistência.

Como demonstrado, a Filosofia oferece ferramentas epistemológicas e éticas para desconstruir essa lógica, reconhecendo as juventudes como sujeitos capazes de ressignificar suas existências a partir de suas realidades.

Ao articular-se com a arte, a Filosofia transcende seu papel tradicional de transmissão histórica e converte-se num dispositivo pedagógico emancipatório. Essa aliança rompe com a verticalidade do ensino para promover uma *iniciação ao filosofar*. A Filosofia articulada à arte não é um acessório curricular, mas um compromisso ético com a democracia. A literatura, dessa forma, é um lugar de experiência do pensamento.

A emancipação pelas vias da filosofia e da arte não é um acessório curricular, mas um compromisso ético com a democracia. Cabe aos educadores, inspirados por Freire e Rancière, transformar salas de aula em laboratórios de criação e resistência estética, onde as juventudes não apenas aprendam, mas reinventem o mundo.

Referências

ASSIS, Machado de. O espelho. In: **Papéis avulsos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2011. p. 75-92. (Publicado originalmente em Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 8 set. 1882).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Formação de Professores do Ensino Médio, etapa I -- caderno II: **O jovem como Sujeito do Ensino Médio**. Organizadores: Paulo Carrano, Juarez Dayrell. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

- CARVALHO, F. **O Ensino de Filosofia: entre problemas epistemológicos e questões sociais**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 38, art. 68023, p. 1-23, 2024. E-book. DOI: <http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v38a2024-68023>. Acesso em: 15 jan. 2026.
- CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GALLO, S.; ASPIS, R. L. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- GALLO, S. **Cinema para ensinar filosofia**. Campinas: Papirus, 2019.
- GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- GHEDIN, E. **Ensino de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.
- LOBATO, Monteiro. **A Chave do Tamanho**. São Paulo: Brasiliense, 1942.
- LUCKESI, C. **Filosofia da Educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NUSSBAUM, M. C. **Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- OLIVEIRA, M. B. O ensino de filosofia escolar: os professores filósofos, seus saberes e suas crenças. In: RODRIGUES, V. F.; CARVALHO, F. J. (Orgs.). **Filosofia para não filósofos (Volume 2)**. João Pessoa: Editora UFPB, 2023.
- PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro**. 2. ed. Lisboa: Âmbar, 2003.
- RANCIÈRE, J. **O Mestre Ignorante: Cinco Lições sobre a Emancipação Intelectual**. Tradução de Lilian do Valle. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- RODRIGUES, V. F.; CARVALHO, F. J. (org.). **Filosofia para não filósofos: ensino de Filosofia: formação docente e ensino**. Volume 2. João Pessoa: Editora UFPB, 2023.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VALESE, R.; SCHNORR, G. M. **Filosofia latino-americana e brasileira**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

Recebido em: 02/2026
Aprovado em: 05/2026

